

Machado de Assis: o romance atual

Paulo Gadelha
desembargador federal do
TRF da 5ª Região

Sou, confesso, assumidamente fascinado pela prosa machadiana; pelo seu estilo ágil, viril, cortante.

Na minha ótica, o bruxo do Cosme Velho continua sendo o mais arguto, o mais denso, o mais completo analista da condição humana brasileira.

Ontem, como hoje, cada vez mais vivo; cada vez mais atual.

Lê-lo, insista-se, é redesenhar o Brasil em todo o seu perfil político, social, econômico, étnico.

A vida, a tradição, a história, os costumes do país e de sua gente analisados, medidos e pesados pelo olho clínico do criador de “Memórias póstumas de Brás Cubas”.

Razão, pois, tem o escritor Carlos Heitor Cony, quando em recente ensaio que escreveu com o título de “Relendo Machado”, observou soberano: “Ele se tornou o nosso maior escritor não por meio dos enredos, mas pela maneira como conduziu a única história que pretendeu contar: a da miséria humana em todo o seu esplendor e decadência”.

E, nesse campo de preocupação com os dilemas sociais, o narrador de “Memórias póstumas de Brás Cubas” mergulha fundo no âmago da questão, quando afirma: “Não tive filhos, não transmiti para nenhuma outra criatura o legado de nossa miséria”.

Depois, angustiado pelo discurso mercantilista do amor, anatematizou: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”.

De logo, por mais rápida que seja a leitura das obras de Joaquim Maria Machado de Assis, o pai do realismo literário brasileiro – seja Brás Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro, Esaú e Jacó, A mão e a luva, O Alienista – em todas elas Machado de Assis condena a guerra pela ascensão social, o jogo pelo poder, as tramas pelo lucro, apontando com todas as letras e sardônico humor “a falsidade íntima de toda a sociedade, seu recado secreto”.

No campo político, indispensável a leitura, em “Memórias póstumas de Brás Cubas”, do capítulo – “De como não foi ministro de Estado” – onde as mesmas armações, os mesmos golpes, as traições são idênticas ao que ocorre nos dias atuais.

Sem esquecer – é o óbvio – o estudo que faz dos líderes políticos e dos partidos que se alternavam no poder.

Aqui, a cáustica advertência do jornalista Camacho, da imaginação criadora de Machado de Assis, estigmatizando: “Cada partido tem seus dísculos e sicofantas”.

É o retrato dos dias atuais.